S. PAULO (BRASIL) | Sábado, 8 de fevereiro 1913 | ANNO XII — N. 177

Publica-se aos sabados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior há a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegráfico: LANTERNA

Toda correspondência ao director

Dever imperioso

Está terminada a grande festa popular, como costumam chamar á orgia que todos os anos é repetida — o Carnaval. Quasi todos nela tomaram parte: grandes e pequenos, pobres e endinheirados, durante tres dias, á porfia, entregaram-se aos excessos da libertinagem, á exibição de espirito quasi sempre grosseiro, acompanhada de gestos desordenados, de tregeitos de loucos que se vêem livres da camisola de força com que estão vestidos durante tantos dias do ano.

Esta festa, todos sabemos, é a continuação, através dos seculos, das antigas Saturnais, que foram instituidas pelos romanos em honra de Saturno, quando este deus, segundo a mitologia, foi expulso do Olimpo por Jupiter, tendo vindo habitar o Latium, onde fez reinar a idade de ouro. Nestes tres dias todas as classes sociais se confundiam, reinando a mais completa liberdade levada até á licença.

Não seremos nós que condenaremos estes momentos de franca alegria, embora não vejamos neles senão um meio a mais de entorpecimento das massas, tão pernicioso como a Quaresma que se lhe segue.

Nós que sonhamos com uma sociedade onde todos os nossos actos serão ditados pelos preceitos da mais pura razão, uma vez afastados todos os óbices que nos trazem amarrados, jungidos a tradições incompreensiveis e absurdas, não podemos, entretanto, deixar de lastimar que os proletarios, sobretudo aqui no Rio, só pensem, só reservem a sua bolsa para gastar nestes folguedos.

E nada mais deprimente, nada mais anti-estetico do que estes cordões, estes grupos que todos os anos vemos desde as primeiras horas da tarde de domingo até á madrugada de quarta-feira pelas ruas e praças da cidade.

Entretanto lutamos com as maiores dificuldades quando tentamos levar por diante uma das nossas organizações, um dos nossos centros instructivos. Não ha meio de fazermos com que os trabalhadores (ao menos é assim aqui no Rio) se interessem por estas reuniões que estabelecem a camaradagem entre uns e outros, que nos irmanam no campo das ideias, que nos elevam o moral e que nos tornam enfim dignos do nome de homens, de seres pensantes.

Trate-se do Carnaval ou de outros folguedos analogos e não fartará dinheiro nem tempo para exibições grotescas.

E os governantes esfregam as mãos de satisfação, estimulam tudo isto porque sabem os resultados que tiram.

Sociedades recreativas, clubs carnavalescos, campos de *foot ball* nas fabricas (Admirai-vos! Sim, *foot-ball!*) prosperam debaixo das vistas paternais daqueles que desfrutam a vida á custa da ignorancia.

Que esta gente nunca acorde do letargo em que jaz, é o seu maior anelo, a sua maior preocupação.

Tenha Chico-Burro um santo a beijar, um Deus Nosso Senhor no céu a adorar, um padre para encomendar-lhe a alma, um senhor cá na terra para explora-lo, e que mais lhe é preciso?!

E' da maior urgencia dar remedio a isto. E' preciso reagir, a menos que não seja mais possivel meter um raio de luz nestes cerebros de dementes.

Talvez não esteja longe o dia em que veremos no Rio de Janeiro e nas principais cidades do Brasil estas organizações que são o orgulho dos trabalhadores de outras terras.

A salvação está nas nossas agremiações. Mante-las, quando para isso seja preciso muitas vezes deixarmos de comer, é dever que se impõe, dever sagrado, supremo esforço.

Quando tivermos feito isto, as leis sceleradas nenhuma acção terão sobre nenhum de nós.

Olhemos para a França, onde as portas das prisões se abrem a um gesto, a um ALTO LÁ! da C. G. T.

Rio, 4 — 1 — 1913.

Adrecal.

Beber vinho é pecado?

Diz Salomão: «O vinho é uma coisa luxuriosa» (Prov. XX — 1).

Diz S. Paulo a Timoteo: «Não bebas mais agua só, mas usa de um pouco de vinho» (1.ª ep. — V. 23).

Em face desses textos, pode-se responder: Beber vinho é e não é pecado.

Mas quando será e quando não será?

Eis a duvida horrivel.

Uma questão de tanta monta não podiam deixar de ventilar os doutores da Igreja.

A regra de S. Bento cortou o nó górdio, decretando que cada monge podia beber uma émina de vinho por dia, sem cometer pecado. Mais de uma émina, lá isso nunca!

Mas quanto é uma émina? Um copo? Uma garrafa? Um balde! Uma pipa?

Diz o Morais que é quarta e meia, isto é, 15 litros, alêm do chôro.

Acha o leitor que é muito?

Pois bem! Mesmo assim os benedictinos nunca entraram num acôrdo, sobre sua capacidade exacta. Que são quinze litros para um ôdre ambulante?

Os que duvidarem de minha palavra vejam Herculano (Bobo, p. 157); e acabarão de convencer-se que a émina era elastica como a consciencia de cada um.

Z. Z.

A quadrilha

Realizou-se no domingo, 15 de dezembro, em Santander, uma importante manifestação popular contra os jesuitas, tendo sido profusamente distribuido um manifesto explicando que o fim dessa manifestação era fazer com que o governo exija da Junta Provincial de Beneficencia que reclame do testamenteiro de D. Dolores Sierra os ultimos testamentos da mesma, a fim de se averiguar o que ha de positivo sobre legados por ela destinados aos pobres de Bermes e de Santander, afim de que, sendo possivel, eles entrem na posse da soma que lhes destinava essa senhora. A manifestação partiu, ás 15 horas e meia, da Alameda de Oviedo, seguindo pelas ruas de Burgos e Atarazanas, em direcção ao governo civil, onde a comissão organizadora entregou ao governador a representação, pedindo-lhe que a transmitisse ao ministro da governação. As autoridades tinham tomado exageradas precauções, estando reconcentrada na cidade toda a guarda civil da provincia, e as tropas de prevenção nos quarteis, como se estivessem a tremer de medo do povo os representantes de um governo que se diz liberal. Apesar de tudo a manifestação decorreu na mais perfeita ordem. Nela tomou parte todo o povo de Santander, pois todo ele tem a peito conseguir a anulação do testamento extorquido a D. Dolores Sierra, que toda a gente está convencida de que foi uma ignobil captação do padre Ortiz e outros jesuitas. O correspondente em Santander de *El País*, de Madrid, termina assim o relato telegrafico deste grande cortejo civico:

> Os actos serios e com ordem, como este foi, apesar da natural exaltação das paixões, devem ser atendidos. Produziu grande sensação em toda a cidade a manifestação celebrada. A opinião espera que se fará justiça.

Um invento genial,



que oferecemos de graça ao gotoso Pio Xis, para que ele, executando-o, melhor possa dirigir e inspeccionar as suas desorganizadas hostes guerreiras.

Perinde ac cadaver

Cinco jornais catolicos italianos, *L'Avvenire, L'Italia, Il Momento, o Corriere di Sicilia* e o *Corriere d'Italia*, que tinham ha tempos publicado artigos em que faziam vagas afirmações de liberalismo, foram intimados a declarar solenemente a sua submissão ao papa, sob pena de excomunhão. Obedeceram, fazendo, porêm, algumas reservas sobre a independencia dos catolicos em questão de ordem politica, em especial nas concernentes ao patriotismo italiano. Tanto bastou para que o *Osservatore Romano*, orgão oficioso do Vaticano, protestasse contra essas reservas, achando insuficiente a declaração dos jornais citados, e exigindo *obediencia absoluta, em tudo, sem equivoco*. Nem menos era de esperar do orgão do papa Sarto, de quem o padre Pio Mortara diz, no meio de uma enxurrada de elogio:

> Ha só um limite á sua tão paternal bondade. E' quando vê o orgulho e a má fé juntos á obstinação. Então o bom Pio X ergue-se, a sua voz torna-se forte e vibrante, e as suas expressões energicas e cortantes. O manso cordeiro de Deus transforma-se no feroz leão de Judas. E' o que se nota ao ouvi-lo flagelar o modernismo, e, em geral, os erros modernos.

Não admira, pois, tanta intransigencia em ser obedecido cegamente, sem discussão. Obediencia de cadaver, é a lei da seita.

Peregrinações

Como se sabe, Lourdes é, hoje, um poderoso fóco de propaganda reaccionaria. E' para Roma um dos seus mais valiosos baluartes, talvez o mais habilmente preparado para conseguir o desvairamento dos espiritos fracos, levando-os até á loucura. Ainda, ultimamente, — contou o jornal a *Luta* — um capitalista do Porto, que tomara, tambem, parte na peregrinação, teve a infelicidade de ser vítima do milagre de... perder o juizo!

A Igreja, porêm, com uma teimosia impertinente, pretende, a todo transe, restaurar o passado, ressurgir a fé dos velhos tempos que já não voltam e, porventura, o poder das suas excomunhões, das suas ameaças com as penas do inferno, dos seus tormentos, e dos seus crimes.

Em vão! Porque a verdade é que, com peregrinações ou sem elas, e quer queiram quer não, a humanidade já não volta á sua primeira infancia.

Supôr que é possivel regressarmos aos remotos e sombrios tempos do poder áureo da Igreja é um engano dos sentidos.

E, no entanto, Roma quer e julga possivel que ainda hoje, quando a sciencia avança numa carreira tão vertiginosa que arrasta consigo a propria Igreja, todos os cerebros lhe resignem as suas convicções. Obcecada pelo ardente desejo de dominar, não tem a serenidade precisa para poder ver que, em quanto o dogma vai recuando aterrado pelos fulgores do raciocinio humano, nem uma só das sementes lançadas á terra pelo trabalho consciente e pelo esforço ... de frutificar.

Indiscutivelmente, é á continuidade de generosos esforços durante gerações consecutivas que a humanidade inteira deve a conquista desta pequenissima parcela de tolerancia, justiça e liberdade, que hoje disfruta; e a Igreja, a perda do seu prestigio.

Apesar de tudo, Roma não se resigna a retirar as suas inoportunas exigencias. Falseando o espirito da religião, de que se diz coluna, empreende romagens mais ou menos divertidas, aproveitando o grande poder da sugestão para especular com um ou outro caso de cura, e, com as suas predicas e as suas orações automaticas, violentando os espiritos fracos e ignorantes, consegue atrasar o generoso movimento da emancipação social.

Tem sido, sempre, com esta perniciosa orientação, que ela tem conseguido inutilizar grande numero de individuos para a luta da vida, esterilizando-lhes a iniciativa, e tornando-os cobardes e resignados ante as maiores opressões.

Isto, porêm, não impede que a lista dos revoltados seja cada vez maior. Aquelas mistificações já não cabem hoje em cerebros que se prezam. A ideia do sobrenatural vai sendo posta de parte, devido ao flagrante prejuizo que causa.

De facto, nada ha mais pernicioso do que a persuasão de que uma coisa qualquer possa ser obtida, quer para o corpo quer para o espirito, por meios sobrenaturais.

Essa maneira de vêr inutiliza, por completo, os nossos esforços, visto que nos leva a contar com um socorro que nunca virá e a desprezar os meios praticos, que poderiamos utilizar.

Felizmente, os misticos já vão rareando. As mesmas orações e promessas, para que uma interrupção das leis da natureza nos restitua a saude e o sossego do espirito, já estão fora de uso; a não ser por simples formalidade, ou ainda por um velho habito adquirido.

Ninguem que pense pode, hoje, aceitar a doutrina da intervenção sobrenatural nos fenomenos que nos cercam. A' luz da razão, tudo que se apresente sob esse aspecto cai pela base, por isso que fora da natureza nada existe.

Dir-se-á que houve, em todos os tempos, santuarios, a que se atribuiam as curas mais maravilhosas. E' verdade. Isso serve, apenas, para pôr bem em evidencia a eterna politica da Igreja, imputando a certos idolos e reliquias a propriedade de curar, tendo o fim reservado de, paralelamente, se elevar a si, e depreciar e humilhar a sciencia e os seus apostolos.

Como se sabe, a imaginação ou auto-sugestão é um notavel agente de cura. Nada admira, pois, que, especialmente emquanto a medicina se encontrou no seu estado rudimentar, aproveitasse a sugestão afim de se obter algum lenitivo á doença.

Porêm, foram decorrendo os tempos, e a sciencia, devido a uma longa serie de investigações custosas e demoradas, foi a pouco e pouco enriquecendo-se.

O conjunto de conhecimentos coordenados proporcionou ao espirito humano uma ordem de ideias completamente novas, e, como consequencia natural, a queda absoluta de todo o sobrenaturalismo.

Hoje, a organização de peregrinações a lugares santos, com o fim de obter curas, não pode deixar de representar sempre um forte ataque á razão e á verdade scientifica.

Maria Clara Correia Alves.

Hostias amargas

Ainda a proposito das condições pelos Maristas de Uberaba estatuidas para serem recebidas gratuitamente crianças na Escola pelos mesmos mantida.

Reputamos suprema infelicidade para um infante o ser educado em estabelecimento de ensino dirigido por eclesiasticos.

Infelicidade, sim, porque ali vai a criança perder todos os sentimentos nobres e sagrados que traz do seio da familia e que serão abafados por principios ilogicos, antiracionais e antinaturais, que lhe serão enxertados no coração.

Na escola clerical o menino só aprende que, sobre os pais que lhe deram o ser, ele deve amar a uma entidade abstracta, cuja existencia jámais ninguem conseguiu demonstrar e á qual dão o nome de Deus.

Nessa escola ainda lhe dirão que para atingir alguem o mais alto grau da perfeição moral é indispensavel que renuncie a todos os gosos da vida e que são o mais poderoso estimulo para o progresso; que se torne um covarde da marca peor, sujeitando-se a quantas humilhações os potentados queiram infligir-lhe e que mais santamente procede aquele que se furta aos dignificantes encargos de familia, entaipando-se no mais egoistico e árido celibato.

Ali soprar-lhe-ão ao ouvido que o mundo deve ser governado pelo representante de Deus na terra, que é o papa, que o que esse papa diz, por mais asnático que seja, é como se tivesse saído dos labios do tal Deus, que em todas as familias deve haver um director espiritual cuja opinião todos teem a obrigação de seguir á risca, que aqueles que não seguem a Religião são peores que os assassinos e os ladrões e que, como tais, não há no mundo punição assás energica para eles e que, para se ser feliz na vida, é condição primordial mandar dizer muitas missas, dar muita esmola aos padres e conservar-se-lhes sujeito em todo e qualquer momento da existencia.

Por tudo isso, repetimos, não pode haver para uma criança maior infelicidade que ser matriculada em escola catolica.

E assim sendo, ninguem pense que deploramos o facto de criarem os Maristas de Uberaba dificuldades aos pobres, de lhes imporem condições inaceitaveis para a admissão de seus filhos na chamada Escola de N. S. de Lourdes.

O que nos revolta é o atrevimento dos tais Maristas, dignos émulos daqueles celebres *Ignorantius* de Lille, que em 1899 assassinaram um infeliz menino, após haverem-no ignobilmente violentado, e cuja psicologia foi magistralmente traçada por Zola no seu romance evangelico-social *Verité*, virem ostensivamente pelas colunas dos periodicos locaes contestando que o homem do trabalho tenha o direito de passar diariamente uma hora em um cinema, sem que se veja deslocado da sua condição de proletario e incorporado á classe dos burgueses pançudos e apatacados.

Afirma-se que os ferozes Maristas vivem de livros sagrados nas mãos..

A ser verdade, então, força é reconhecer que tais cavalgaduras ou carregam esses livros simplesmente para fazerem fita, ou então, se os leem, não os compreendem. *Legere et non intelligere est burrigere...*, pois em um dos evangelhos não está escrito que nem só de pão vive o homem?

E esses tipos, que se metem a preceptores, acaso não saberão que o homem precisa de sustento fisico e de sustento moral?

E' verdade que para eles não há sustento moral outro que não os terços, as orações, as confissões e as comunhões... abatimento da alma, ... meios de refrigerar o cérebro após todo um dia de afanosos labores.

Creem os formigões uberabenses que só os ricos teem o direito de discutir e que só para eles existem as casas de espectaculos.

Ao proletariado uberabense concitamos a responder á imposição dos Maristas não enviando os seus filhos á intitulada Escola de N. S. de Lourdes.

Não sacrifiquem os homens do trabalho os poucos momentos de prazer que, na existencia, podem fruir, ao receio de não verem aceitos no instituto clerical os filhos, que tanto extremam.

Há na cidade o Grupo Escolar, custeado pelo governo do Estado e onde o ensino deve ser leigo.

Remetam para lá as crianças os pobres trabalhadores e frequentem á vontade os cinemas, deixando que os Maristas fiquem a esbravejar e a escabujar de raiva.

Assim agindo, não só não se privarão do direito que lhes assiste, de regalarem o espirito numa diversão licita, como tambem terão evitado que a alma dos seus filhos seja intoxicada com lições daninhas, que, de futuro, só poderá dos mesmos fazer criaturas fanaticas, incapazes de raciocinar e, portanto, sob todos os pontos de vista prejudiciais á humanidade.

Telegrama da Republica Argentina para o *Jornal do Comercio*:

«As irmãs de caridade do Colegio Belgrano castigam demasiado as suas alunas.»

Sempre os mesmos os congregados de ambos os sexos como preceptores.

Esses individuos, a quem a vida moralmente árida e destituida de poesia das comunidades suprime os mais doces afectos do coração, não podem compreender como se possa

tratar as crianças com doçura e carinho.

Daí o sistema dos castigos brutais, que vigora em todos os colegios religiosos.

Ninguem ignora que nos seminarios do Brazil alunos de curso secundario ainda hoje são chamados a bolos e ficam com as mãos aviltadas por palmatoadas ás duzias.

Não repercutiu no Brazil inteiro a noticia de que as freiras dominicanas de Uberaba obrigavam as meninas do colegio, que incidiam em faltas ligeiras, a lamber o chão com a lingua?

Quem quizer saber o que se passa nos noviciados dos conventos de mulheres leia com atenção *A Religiosa*, de Diderot, ou *Os Lazaristas*, de Antonio Ennes.

E no entanto são esses estabelecimento justamente aqueles que os paderes publicos entre nós mais cumulam de favores e vantagens, sobre os quais não há fiscalização alguma, constituindo eles entidades superiores ás leis civis, ás quais, em geral, nenhuma obediencia prestam.

Quando é que, em vez desta comedia de Republica, teremos no Brazil uma Republica de verdade?

«Madrid, 23 — Telegramas de Valadolid dão conta de ter havido um violento tumulto em Pedrosa d'El Rei, em virtude do bispo ter vendido a um comprador de antiguidades um valiosissimo retabulo, que o povo se tinha habituado a considerar como propriedade da sua igreja.

O povo amotinou-se, capitaneado pelo alcaide, e rompeu em manifestações hostis ao bispo, levantando-lhe repetidos morras e indo em seguida procurar o antiquario a quem tentou arrancar violentamente a reliquia comprada, sendo necessaria a intervenção da «benemerita», para o proteger e serenar os animos.

O comprador de antiguidades, [illegible] d'El Rei, com o retábulo comprado, sem que no entanto tivesse escapado a um grande susto e alguns apertões.

Jornal do Comercio.»

Os membros do clero são sempre os delapidadores das obras d'arte que os templos possuem.

Na Italia é necessario que o govêrno viva de olhos abertos, para impedir que os padres e os bispos passem ás mãos dos milionarios americanos, por bons preços, os objectos artisticos existentes nas igrejas e que tanto entusiasmo despertam nos espiritos cultos que visitam a peninsula.

Ao que diz o telegrama acima, parece que o clero espanhol quer seguir a norma adotada pelo italiano, que consiste em recheiar as algibeiras á custa dos elementos artisticos dos templos.

O povo, porêm, é que não está pelos autos, no que faz muito bem.

Todas as manifestações de arte, que se encontrem em edificio publico ou em lugar publico de uma nação, pertencem ao povo e querer expolia-lo de tais objectos é roubalheira escandalosa, a cujo autor deve ser cominada a pena que ao bispo gatuno de Pedrosa d'El Rei inflingiram os seus diocesanos.

Ignoto.

O carro adiante dos bois



ou onde se vê que a fôrça de Venus supera sempre o poder da Virgem.



Novo ministério — Para a história da ficção parlamentar — Algumas verdades de La Palice — As probabilidades de vida do novo govêrno — Sensação produzida — O que os partidos de govêrno consideram «anarquia» e o sentido que dão á palavra — Declarações radicais... e promessas de benevolência — Que esconderá o radicalismo? — Em Espanha: a comédia maurista — Cresce o prestigio do «rei constitucional»...

LISBOA, 12 DE JANEIRO

Temos mais um ministério no poder.

Creio já ter aludido aqui á causa das crises ministeriais, repetidas com curtos intervalos, depois de promulgada a Constituição e eleito o presidente. A consideração dessa causa tem um certo interesse para o estudo e história da ficção parlamentar.

O actual Congresso da República é a ex-Constituinte, eleita antes da formação e separação nítida dos partidos republicanos, e eleita sob o patrocínio (digamos patrocínio), sob o patrocínio de um govêrno provisório matizado de várias côres democráticas.

A composição variegada dêsse parlamento e o contrabalançar-se das facções que lá dentro se constituiram eram de prever — e de prever era, como resultado, a instabilidade dos ministérios. Por isso é que muitos republicanos declaram absurdo que a Constituinte não se tenha dissolvido, apenas cumprida a sua missão específica, e é ainda por isso que tanto se falou de golpes d'Estado projectados e de anunciados pronunciamentos...

Em suma: a ficção parlamentar não pode funcionar, quando se aproxima, levemente que seja, da verdade, quando exprima com alguma sinceridade a vontade do povo, ou devidamente combinadas, ensaiadas e montadas por um ministério mais ou menos homogéneo..

A chamada opinião publica não é um bloco, nem se divide em partes enormemente desiguais — dando hoje uma pesada maioria ao partido A, senhor do poder, para fornece amanhã maioria igual ao govêrno B. O que há é apenas isto: cada govêrno arranja de cima a sua maioria, faz o parlamento á sua imagem e semelhança, e só assim é que pode governar... parlamentarmente.

A ficção parlamentar é tanto mais viável e normal, quanto mais mentirosa. Não são os eleitores que fazem eleições: quem as faz é o govêrno, e mais particularmente o ministro do Interior. Este é que é o sacerdote magno que interpreta e exprime a «soberania do povo», a vontade do *demos*... E assim, nos ministérios de concentração, os vários partidos disputavam essa posição ou reclamavam pelo menos que fôsse rigorosamente «neutralizada».

Peço aos leitores desculpa das verdades de La Palice que lhes estou a impingir.

Temos, pois, novo ministério, chefiado pelo autor da lei de Separação das Igrejas do Estado. Como tem uma maioria um pouco mais sólida e estável, como tem firme vontade de se aguentar no poder, como espera fazer brevemente eleições suplementares (uns trinta deputados para as vagas abertas), é possível que resista mais do que os outros...

A subida de Afonso Costa ao poder causou uma tal ou qual sensação. Os que o dão como messias cantam hosanas: «Enfim!» — ao passo que os outros, os evolucionistas de Antonio José de Almeida, começam desde já a bradar: «fiasco! miséria! calamidade!» Fora dos meios políticos, porêm, a impressão não é grande. Tudo está tranquilo, o mundo continua a girar em tôrno do seu eixo... Os políticos é que costumam confundir a vida social com a sua pequena e mesquinha vida interior. Quem vai dentro de um carro, julga que o ruido das rodas ferradas sôbre as pedras da calçada enche o mundo inteiro; e não ouve outra coisa.

«Já há govêrno; temos enfim govêrno, govêrno para governar — a «anarquia» será combatida», exclama o *Mundo*, órgão do novo chefe de ministério, ao mesmo tempo que êste, discursando na sede do Directório Republicano, diz que os seus inimigos teem chamado «anarquia» ao que não é mais do que a afirmação dos seus princípios... Em suma, cada um chama «anarquia» aos princípios e actos do adversário e quer combater e reprimir essa «anarquia» (dando, é claro, a esta palavra o sentido de desordem, como á palavra «república» fizeram por muito tempo os monarquistas e o povo em geral).

No mesmo discurso, o dr. Afonso Costa proferiu estas palavras;

«Não se fez debalde no seculo XX a primeira definitiva república do extremo da Europa. Não foi debalde que o povo português conseguiu enfim afirmar a sua vontade de povo livre. Temos, portanto, de fazer uma República avançada, progressiva, livre de todos os preconceitos, ou não será República!»

E na declaração ministerial, lida no Congresso, há por exemplo esta passagem:

«As leis relativas á Igreja serão executadas tais quais são, instando, porém, o govêrno por que a da separação do Estado das Igrejas seja posta desde já em ordem do dia para a sua ampla discussão parlamentar.»

O partido «radical», ou «democrático», ou como queiram chamar-lhe, vai fazer no poder o mesmo que qualquer outro, tirar até á plataforma «evolucionista» os melhores números, como a amnistia e a revisão da lei de Separação, satisfazendo assim alguns descontentes e fazendo crer aos ingénuos partidários que se trata de coisas diversas e de diversas circunstâncias; mas concorrerá, ao menos para muitos, a côr e a fama de «radicalismo».

O ponto é que êsse radicalismo jacobino, êsse liberalismo de govêrno não lhe sirva de capa e de pretexto (há quem o receie) para o exercício da peor reacção social, contra as fôrças revolucionárias do proletariado.

E a propósito de capas, acode-me á lembrança a comédia actualmente representada em Espanha, com a renúncia dos chacais Maura e La Cierva, que a sombra trágica de Ferrer impede de voltar ao poder.

Parece confirmar-se a suposição de muitos: trata-se de fortalecer a monarquia e de dar prestígio ao rei. Maura, «vivamente instado», volta a assumir a chefia do partido conservador; mas o rei teve tempo para proferir algumas frases históricas e suscitar o pasmo e as loas dos cortezãos liberais. «Se surgirem cem crises como esta, cem vezes as resolverei do mesmo modo.» «O partido liberal continuará a desenvolver todo o seu programa.» «Se o partido conservador em pêso seguisse o sr. Maura, não não me demoveria dos meus deveres!» E o côro dos cortezãos: «Que rei tão constitucional!...»

Ao que parece, do côro fazem parte alguns politicões republicanos...

E ainda há quem não veja os lados alegres da vida!

Neno Vasco.

O HOMEM

I

A observação demonstra-nos que todos os animais provêm dum ovo, por bi partições (subdivisões) sucessivas (1).

A vida animal ou psíquica, com as suas qualidades de hereditariedade, nasce no embrião humano, no instante preciso em que o espermatozoide penetra no óvulo. Logo que a penetração se efectuou, o óvulo segrega uma membrana que protege e isola o germen que desde esse momento toma o nome de cistode (célula-origem ou ovulo fecundado); desde este periodo e do da gástrula até ao do anfioxus ou peixe-lanceta, desenvolvem-se os periodos mais obscuros da genealogia do homem (I. Müller).

Depois desta série de periodos esta célula esférica (blastula) que encerra uma cavidade central chamada cavidade de Baer, curva-se para o interior, invagina-se em forma de O com a base reentrante e forma uma gástrula ou forma larvar inicial, comum a todos os animais metazoários, desde a esponja até ao homem.

A partir deste momento, o embrião humano desenvolve-se e passa por todos os processos da vida fetal (uterina).

Os germens do homem, segundo as observações de Serres, Fritz, Müller, etc., desde o instante da fecundação até a época em que se reveste com a sua forma difinitiva, é sucessivamente vegetal, zoófito, verme, peixe, reptil e mamifero; de maneira que assim o vemos no ovo, passar por todos os periodos da especie através dos tempos zoologicos.

Roberto Hartmann propôs-se dividir toda a ordem dos mamiferos placentários em tres familias: homens e antropoides, simianos ou macacos propriamente ditos e prossimianos ou lemurianos (mákis, propitécos).

Esta classificação é ainda justificada pela interessante descoberta de Sélenka, que em 1890 provou que a conformação particularissima da placenta, que se encontra no homem, encontra-se tambem entre os macacos antropoides (gorilas), mas não entre os outros macacos, nem entre os outros mamiferos placentários.

C. Novel.

(1) Vide: *Enigmes de l'Univers*, pag. 66 á 156. *Conference de Cambridge*, pag. 35 (Haeckel).

Em Dores do Campo

SACRA ODISSÊA DUM CURA

Padre devasso que anda a espalhar a desharmonia nas familias — Onde se vê a «docilidade» dum crente, devoto de S. Cornelio.

Escrevem-nos de Dores do Campo (E. de F. O. de Minas).

«Em fins de novembro esta freguezia teve a suprema felicidade de ficar livre do seu *pastor*, que era o peor elemento de desmoralização da localidade.

O padre em questão, após haver levado a desharmonia ao seio de um casal, que se viu obrigado a retirar-se desta povoação para uma estação longinqua da Central, empreendeu a conquista de uma senhora, de conhecida familia e que se tinha casado havia apenas seis meses.

A pobre senhora, ao que parece, ia acreditando nas cantilenas do padre, com quem nutria activa correspondencia, quando o facto foi descoberto por um parente do marido ludibriado, que não tardou a pô-lo no corrente da situação infeliz em que se encontrava o seu lar.

O desditoso homem, procurando provas da culpabilidade da esposa, encontrou em poder dela grande numero de cartas amorosas que lhe foram dirigidas pelo padre e em uma das quais lhe solicitava uma entrevista, que devia ter lugar por ocasião de um baile projectado para o dia 8 de dezembro.

A' vista disso, o marido entregou a esposa ao pai da mesma, com quem teve na ocasião violenta discussão, que poderia ter acarretado as mais funestas consequencias.

O mais inqualificavel é que o padre, increpado sobre o assunto, procurou defender-se covarde e miseravelmente, alegando que ele é que era perseguido pela tal senhora, cuja desgraça fizera.

E munido das cartas que ela lhe escrevera em resposta ás suas, seguiu o rufião de tonsura para Mariana, afim de convencer o arcebispo de que em todo esse negocio, ele apenas procedera como José do Egito, que deixára a capa nas mãos da mulher de Putifar.

Não lhe valeu a desculpa que engendrou para si, porque a população dorense, em peso, tomada da mais legitima revolta de animo, fez com que o padre partisse ás carreiras para S. João d'El-Rei, donde demandou Mariana, tendo já obtido do arcebispo nova paroquia.

A sua vítima acha se em Dores, tomada do mais sincero arrependimento. Vive banhada em lagrimas a deplorar a hora desgraçada em que prestou atenção ás blandicias do sátiro de batina, que para todo sempre desfez a sua felicidade conjugal.

Por ocasião do primeiro dos factos acima, a que aludi, o famigerado padre retirou-se para o Rio de Janeiro, donde escrevera a apaniguados seus, de Dores, que se mudaria para uma cidade do sul de Minas.

Os tais apaniguados foram espera-lo, no dia por ele fixado para passar pela estação de Prado, e ao avistarem-no no trem, instaram com ele para que seguisse para a freguesia.

Quer saber, sr. redactor, qual a resposta do cinico roupeta?

«Só irei a Dores, se X.... (o esposo da sua vítima) vier confessar-se comigo, hoje mesmo.»

Pois os seus *amigos* assumiram o compromisso de fazer com que X..... fosse prostrar-se-lhe aos pés, o que facilmente conseguiram em razão da pobreza de ânimo do coitadinho.

E dizem que ele saíu do confessionario brando, macio e humilde e intimamente convencido de que não pode haver desgraça peor no mundo do que brigar com padre.

O nosso papa-hostias encontra-se actualmente em um novo campo de aventuras, onde é bem possivel que a sorte lhe corra mais feliz do que se lhe mostrou na *Patusca*, nestes ultimos tempos.»

A "Lanterna" transformada em diario

A nossa iniciativa foi recebida com grande entusiasmo — Numerosas cartas de adesão — Já recebemos um bom numero de compromissos para o emprestimo.

Já não nos enganaremos afirmando que dentro em pouco vamos ter esta folha de combate, fruto de tanto esforço e de sacrificios incontaveis, a circular impavidamente pela imprensa diaria, aqui, desvendando as mazelas do clericalismo nefasto, ali combatendo uma violencia, uma injustiça, acolá defendendo as vitimas dos potentados, aparecendo em toda a parte, como vedeta da justiça nova, a prégar o verbo novo da emancipação social.

A espectativa que alimentavamos foi desmentida, muito pelo contrario. Ao nosso apelo estão acorrendo numerosos os amigos desta folha e os bons companheiros de luta, trazendo cada qual o seu testemunho de simpatia á nossa obra e o oferecimento da sua ajuda entusiastica na importante empreza de que nos fizemos iniciadores.

Pelas cartas de adesão que estamos publicando, pode-se avaliar da da simpatia com que foi recebido o projecto de colocar o nosso periodico na arena da imprensa cotidiana. E isso sem se ter em conta os que ainda não nos escreveram, apesar de estarem comnosco de pleno acordo.

Entretanto a melhor prova do apoio dispensado á nossa iniciativa tivemo-la esta semana com a devolução do *coupon* de compromisso para o nosso emprestimo já distribuido com o numero passado.

E' deveras animadora a solicitude com que nos estão os amigos devolvendo esse *coupon*; porêm ainda mais prometente é o numero de acções já em tão poucos dias subscritas, convencendo-nos de que não será necessario esperar muito para conseguirmos o fundo necessario á consecução da nossa obra.

Razão temos, pois, para estarmos satisfeito, muito satisfeito mesmo, assim como o estarão todos aqueles que no Brasil se interessam sinceramente pela propaganda emancipadora.

Não nos detenhamos, porêm, ante este começo de vitoria. Já que tivemos a prova a possibilidade de exito da nossa iniciativa, cabe-nos torna-la um facto no mais breve tempo possivel.

Mãos á obra, pois, e, enfeixando os nossos esforços, armemos a nossa tenda de luta na vida cotidiana deste paiz!

Demonstremos ás forças reacionarias que nós, apesar de não contarmos com os milhões roubados aos escravos da Igreja e do trabalho, somos capazes de manter, com os nossos minguados ganhos, um orgam diario, que viverá com honestidade e independencia do povo e para o povo explorado e oprimido pelos tartufos e tiranos da época.

***

O camarada A. Müller faz em sua carta, publicada a seguir, considerações que exigem alguns esclarecimentos.

O amigo propõe que se ele a preço de cada acção de 10$ a 50$ e 100$, por entender isso mais favoravel ao bom exito da nossa iniciativa.

Estamos convencidos do contrario. As acções ao preço de 10$ estão ao alcance de todos que desejam prestar o seu auxilio ao jornal. Os que possam dispô. de maior quantia ficarão com diversas, como já está sucedendo.

Depois é nosso desejo que a *Lanterna* diaria seja o produto do esforço do maior numero possivel de companheiros, por mais modestas que passam ser as suas posses.

Ha ainda a indispensavel simplificação do trabalho.

Necessario é tambem insistir que as importancias subscritas para o emprestimo só serão arrecadadas quando tivermos de dar inicio aos trabalhos para a edição diaria.

O capital conseguido terá como garantia o material que se adquirir e será resgatado em sorteios semestrais, de acordo com o saldo existente.

Meu caro Edgard:

Já sabes a minha opinião a respeito da transformação da *Lanterna* em diario. Julgo essa transformação não só possivel, mas de grandissima utilidade para a propaganda no Brazil. Mormente agora, quando a burguesia vai preparando um periodo negro de reacção. Saltam aos olhos os beneficios que nos pode prestar um orgam nosso, veículo diario da defesa das nossas ideias perante o grande publico tão ludibriado, a nosso respeito, pelo jornalismo capitalista.

Quanto ás acções... a minha resposta é imprecisa, *et pour cause*... Ficarei com quantas puder, no momento em que forem lançadas.

E disse. Aperto-te a mão cordialmente.

Rio, 30 — 1 — 913.

Astrogildo Pereira.

***

Amigos e camaradas da *Lanterna*.

Fui indicado pela assembleia realizada na Liga Anticlerical do Rio, para fazer parte da comissão organizadora do emprestimo que a *Lanterna* pretende lançar para se tornar um órgão diario, defensor do livre pensamento no Brazil, o que aplaudo com entusiasmo, pois acho de grande vantagem para a propaganda realizar esse desideratum; abrirá uma via lactea na ignorancia prêga-

da há seculos pelos homens de saia preta, que ainda hoje mantêm o povo no maior obscurantismo e baixeza.

Devemos praticar o bem sem olhar recompensa no além-túmulo e sim como civilizados e dignos, e não hipocritas e interesseiros.

Estando conforme com a orientação seguida pelo nosso camarada Edgard Leuenroth, que tem mostrado boa vontade e sinceridade pelo ideal que abraçou, é de esperar que seja perseverante nesse grande empreendimento de termos um jornal diario defendendo a nossa causa.

Dirijo um apelo aos correligionarios para prestarem seu apoio a tão justa empresa. Devemos todos ajuda-la para não haver mártires; dividir entre todos o sacrificio que possa derivar dessa luta para o bem da humanidade.

Consultai os leitores se é possivel realizar esse empreendimento. Nada é impossivel, é questão somente de força de vontade dos adeptos do livre pensamento; só acho impossivel provar a existencia de Deus. Na minha modesta opinião não estou de acordo com a ideia apresentada pelos amigos, na *Lanterna*, no seu n. 172. As acções a 10$000 acho inconveniente, pela grande quantidade que será preciso para perfazer o capital que julgo ser necessario, dificuldade que apresenta a pessoas de poucas posses ficarem com mais de uma acção. Se bem que, á primeira vista, pareça facilitar aos mesmos, julgo que essa orientação dará pouco resultado.

Lembro aos amigos o meio que acho mais prático, isto é, organizar duas ordens de acções, sendo a maior de 100$ e a menor de 50$ com a chamada de 10 por cento ao mez. Isso, creio, facilitaria muito, pois quem ficasse com 1 acção de 50$, entraria mensalmente para a sociedade com 5$, ficando proprietario da acção no curto prazo de 10 meses.

Podia a sociedade resgatar as acções, integral ou com premios por meio de sorteios e os juros seriam pagos semestralmente logo que se tivesse realizado o capital que se deseja e que estivesse funcionando a sociedade, devendo isso ser resolvido por uma assembleia de accionistas.

Rio, 13 — 1 — 1913.

A. Müller.

⁂

Amigo:

Sinto profundamente não poder tomar oito ou dez desses compromissos para uma causa tão salutar como a que acabais de empreender. Creio que não faltarão elementos para um fim tão nobre. Depende só de trabalho e boa vontade dos amigos do progresso.

Guaratinguetá, fevereiro 913.

Manuel Nunes Baracho.

⁂

Amigo Edgard:

Se bem que um pouco pessimista, entusiasmou-me bastante a ideia da publicação diaria da *Lanterna*.

Chegaremos a isso?

Se depende-se de mim, estaria pronto a dar o pouco que posso. Em todo o caso pode contar com o camarada que, acima das questões de método, põe as do interesse proletario.

Poços de Caldas, 30 — 1 — 913.

A. Vizzotto.

⁂

Prezado amigo,

Nesta vai incluso o coupon de compromisso de subscripção com que o amigo me distinguiu; não me é possivel tomar maior compromisso, o que me desculpará.

Limeira, 2 — 2 — 913.

A. B. Ormiere.

⁂

Sr. director da *Lanterna*:

Tendo visto no seu muito conceituado jornal a necessidade de que ha de que ele seja diario, afim de opôr uma barreira mais forte á onda assustadora da clericalha infame que, nos ultimos tempos, tem assaltado esta republica, não posso deixar de louvar tão grandiosa obra, prestando-lhe ao mesmo tempo o meu pequeno apoio, declarando-me desde já mais um assinante da *Lanterna*.

Desejo e espero ver realizado o seu sonho doirado — a *Lanterna* diaria, não só pela grande conveniencia de uma leitura livre no momento critico em que estamos, vendo constantemente nuvens de sotainas assaltar este Brazil, mas tambem porque seria mais uma victoria alcançada sobre aqueles que, em nome de Deus, praticam toda a especie de crimes.

S. Paulo, fevereiro de 913.

A. C. Fonseca.

⁂

Sr. director da *Lanterna*:

Junto a esta devolvo o coupon por mim subscrito, com cinco acções.

Tomo a liberdade da dizer que terei muitissimo prazer que a *Lanterna* vá sempre avante e se torne diaria.

S. Simão, 3 — 2 — 913.

Paulino Augusto de Araujo.

⁂

Amigo Edgard:

Como verifiquei em vosso órgão defensor dos oprimidos e de combate contra a corja negra que infelicita o nosso país que pretendeis torna-lo diario, cumpre-me o sério dever de vos informar que estou de pleno acôrdo com o vosso ótimo projecto. Contai, pois, com este vosso fraco amigo, que vos auxiliará no que as suas medianas forças o permitirem.

Aproveito a oportunidade para dar um viva á *Lanterna*! e outro aos seus arrojados redactores.

Uberaba, 28 — 1 — 913.

Adelino Simões.



RIQUEZA E MESQUINHEZ

Diz um telegrama que um irmão do papa, que é empregado postal em Rienzi, pediu ao governo italiano aumento de salario. Prova-se assim que Pio X não está disposto a auxiliar a propria familia, e entretanto no Vaticano chove o oiro de todas as partes do mundo, e o chefe da igreja catolica, que se apelida o vigario de Cristo, vive no mais luxuoso palacio do mundo, tão magnifico que nem ha porventura no mundo dinheiro que o pague; cercado de uma côrte faustosa; nem sabendo a conta nem ás suas carruagens, nem aos seus criados; mantendo uma tropa só para ter a ilusão de que é um soberano temporal; com os seus embaixadores, que são os nuncios, espalhados por grande numero de capitais do globo. Como podemos avaliar a caridade apostolica do Pontifice; como acreditar no seu amor pela humanidade se nem umas pequenas migalhas dos seus tesouros concede a seu proprio irmão! Pio X tem o fausto de um chefe de Estado, e sendo evidente que se poderia reparar que ele alojasse os seus parentes em palacios, tornando-os verdadeiros principes, não é menos evidente que só avareza sordida denota o seu procedimento, não auxiliando seu irmão que vive certamente de um humilde cargo do Estado, com tantas dificuldades que pede um aumento de seu salario. Ha destes exemplos na historia da Igreja, e por eles se revela a mesquinhez de espiritos a que, de um momento para o outro, se pretendem conferir os atributos da santidade. Por ter tomado posse da tiara papal, o cardeal Sarto não alargou o seu sentimento, a sua piedade, o seu amor. Pelo contrario, emperdiniu num egoismo estreito, que nem sequer conseguiram vencer os laços de sangue, os afectos familiares, o amor fraternal... E diz-se pai da cristandade inteira quando nem sequer, sabe ser irmão do seu irmão!

Mayer Garção.

A "Lanterna" em Portugal

E' nosso representante em Lisbôa, autorizado a tratar de tudo que se refira a esta folha, o cidadão Neno Vasco, residente á rua da Barroca, 94, 2.º

A "Lanterna" em Santa Catarina

Os frades de batina e de casaca e as suas escandalosas proezas

Cada vez mais sujeita ao embrutecimento se torna a população deste Estado, pela escuridão em que jaz, imposta pelo elemento terrivel, pernicioso e inimigo da Luz e da sociedade — os celebres frades e jesuitas alemães!

Ainda ha pouco, em 8 de dezembro, andou um jesuita barbudo, debaixo do palio, na procissão carnavalesca de uma senhora da Conceição, com um escova de roupa em substituição ao Santo Lenho!

Essa escova com cabo, coberta com a toalhinha de fazenda doirada, andou assim percorrendo as principais ruas da capital, impondo á beoçada que se ajoelhasse quando a *sagrada* escova de roupa passava.

Não é fita. E' um facto real que exasperou até a um socio da tal irmandade, que, indignado por assistir a tal palhaçada, despiu a opa, atirando-a ao chão com estas palavras: — Isto não é religião, é uma bandalheira!

Essa substituição do lenho pela escova foi inspiração de uma devota carola, mulher casada e com filhos, que não sai da igreja o dia inteiro, varrendo-a, limpando altares e castiçais, sempre agarrada á batina ou ao cordão branco que usam os frades, emquanto que o serviço de sua casa fica entregue ás moscas.

Essa beata e fanatica dos frades e jesuitas foi que abriu o gavetão existente na sacristia, e dali retirou a sagrada escova que substituiu o lenho...

Venham esta e outras beatas contestar este facto, se são capazes.

⁂

Outro escandaloso facto:

O bispo alemão Becker, governador de facto do Estado leigo de Santa Catarina, embora na mais ostensiva e cordial aliança com o administrador, frei Vidal, da Fazenda catarinense, acaba de desfeitea-lo!

Sabendo que o administrador frei Vidal interessava-se pela nomeação para inspector da Saude do Porto, neste Estado... eclesiastico, de um catarinense filho do sr. Eliseu Guilherme da Silva, telegrafou para o Rio de Janeiro pedindo, digo impondo, para que fosse nomeado um seu apaniguado, o dr. Pedreira, em lugar do profissional estimado e conhecido pela sua ilustração!

E assim foi nomeado o afilhado imposto pelo bispo alemão!

E' o caso de darmos graças ao Deus do jesuitismo por não ter acudido á ideia do bispo alemão pedir a nomeação de algum frade de sua laia para ocupar mais este cargo...

Loyola.

10 — 12 — 912.

Contra a lei do arrocho

Formou-se um comité de agitação no Rio — O seu delegado já embarcou para a Europa.

Do Rio recebemos a seguinte comunicação:

"No dia 23 do corrente ficou definitivamente organizado este comité. Com a desse dia contava-se pela quarta vez que se haviam reunido as agremiações proletarias desta capital, em seu maior numero, e no decorrer das discussões dessas assembleias surgiram diversas ideias, sendo que a formação deste "comité" congrega tudo o que de util se discutiu.

Os fins deste "comité" são:

agitar o combate a lei de expulsão dos estrangeiros em todos os meios sociais, sem distinção alguma;

desenvolver uma activa propaganda, segundo o elemento onde ela chegue, para que em todo o Brasil se tenha completo conhecimento dessa absurda lei;

levar essa propaganda além das fronteiras, por meio de emissarios, manifestos, folhetos, etc., etc., pondo em confronto esse decreto com os artigos da Constituição Brasileira, que dá livre transito e residencia a quem quizer viajar ou permanecer neste paiz.

Este "comité", que conta com o apoio moral e material de todos os centros operarios desta capital e dos Estados, agirá com o maximo criterio e independencia de caracter e, assim, pede esclarecimentos que convenham á propaganda, a todos os individuos ou colectividades que de boa vontade queiram contribuir para o bom exito deste tentamen.

Igualmente este comité se propõe a, no caso de chegar ao seu conhecimento a execução desse absurdo decreto, recorrer a todos os meios competentes, junto aos poderes executivo, legislativo e judiciario, e tudo o que mais se necessita para evitar a execução da lei, quando recaia sobre individuos pertencentes ao nosso meio.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Comité de Agitação, rua Municipal n. 9 — 1.º Rio.

Uns dos fins do comité já foi posto em execução. Já seguiu viagem para a Europa, a bordo do vapor *Cap. Villano*, um dos nossos companheiros comissionado para os fins do comité, que é demonstrar aos nossos irmãos trabalhadores de além-mar que aqui não existe de facto a liberdade de ideias e a segurança pessoal que por lá se propala.

Pedimos a todos que se interessam por este gravissimo problema o obsequio de quando lêrem qualquer artigo, noticia ou comunicado ácerca deste assunto recortarem e nol-o enviar, pois aos membros do comité é materialmente impossivel adquirir todas as publicações sobre o assunto. Este pedido estende-se aos já publicados, que muito agradecemos.

Brevemente será publicado um longo e energico manifesto, bem como enviaremos emissarios a todos os Estados.

O comité conta no momento presente com a solidariedade incondicional, principalmente do operariado nacional, pois que, se atiram ao estrangeiro a pécha de trabalhar por causa propria, é ocasião oportuna de demonstrarmos, nós, os operarios nacionais, que derruimos fronteiras para estar ao lado e em defesa dos que sofrem, dos que lutam.

Pelo Comité — **A. Moreira.**

Seção amena

A baronesa papalina T., sua filha e o vigario discutem os deveres conjugais, o governo de casa, etc., a proposito do proximo casamento da gentil moça presente. Chega-se á questão do leito conjugal. A baronesa opina por quartos separados; a filha pede dois leitos gemeos, juntinhos, na mesma alcova; o padre defende com graves argumentos, tirados da Biblia, o patriarcal leito comum.

— E demais, diz a baronesa, como ultima razão contra a opinião do padre, e demais, sendo um dos esposos mais pesado, a cama inclina-se para um lado e acaba por tomar esse geito.

— Ora! exclama o gordo padre, entusiasmado na defesa da sua ideia. E' tomar o nosso exemplo: cada semana mudamos de lado!

No Tirol, os franciscanos, no outono, percorrem as aldeias para pedir o seu quinhão de parasitas da colheita. Um dia, um pedinte, em companhia dum noviço muito moço e pequeno, bateu á porta duma velha, que lhe deu uma porção de linho. O frade então pediu outra coisa, alegando não haver no convento mulher para fiar o linho.

— Não ha mulheres no convento? Donde é que veem então os fradi hos como este?

O juiz:

— Sua mulher diz que você a espancou brutalmente. Que tem a alegar em sua defesa?

O réu:

— Dei-lhe uma boa sova, é verdade, mas tive razão: quando eu estava rezando para chover, por causa das minhas plantas, ela pôs-se a rezar para continuar o bom tempo, por ser lavadeira e precisar de sol!

"Regeneracion"

Já recebemos o numero especial de *Regeneracion*, a brilhante e destemida folha semanal dos revolucionarios mexicanos, que se publica em Los Angeles, California, onde o Comité do Partido Liberal Mexicano tem sua séde.

De facto, não podia ser melhor nem mais belo, quer na parte referente á colaboração — que é excelente, quer no que diz respeito á ordem e distribuição das materias que enchem as suas suculentas oito paginas, em que figuram magnificos trabalhos de gravura.

Lemo-lo e admiramo-lo.

Dentre os artistas que nele colaboram, destaca-se um, já consagrado, que é Firmin Sagristá. A sua alegoria, que ocupa duas paginas do jornal, é o que pode haver de significativo e sublime na manifestação do sentimento da arte e do ideal.

Eis o que podemos dizer com referencia ao numero especial de *Regeneracion*, cuja leitura recommendamos aos nossos leitores, que em nosso escritorio poderão encontra-lo, ao preço de 500 réis o exemplar, revertendo o produto de sua venda em proveito do indispensavel periodico de propaganda, agora sob o peso de um grande *deficit*.

A LANTERNA

Apesar da praxe jornalistica, julgamos conveniente declarar que os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, salvo expressa adesão nossa ás ideias por eles expostas.

Seguindo a orientação moderna da imprensa independente, queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discussão, para uma investigação sincera da verdade e como um éco ás aspirações do nosso tempo.

Com guelas de sucuri

Os frades estrangeiros da Bahia disputam o osso aos colegas brasileiros — Bens da ordem vendidos — Deportações mutuas...

Damos a palavra a um diario do Rio para relatar estes sagrados acontecimentos:

Formam-se as nuvens da tormenta que se deflagrará não muito remotamente, trazendo uma inundação deploravel e arrastando nas catapultas das enxurradas os peores sinistros.

A nosso descaso relapso, entretanto, manda abandonar os gritos de alarma. Defeito de nossa organização psiquica, esse já nos tem acarretado consequencias sérias e horriveis.

De começo, apesar de todos os indicios, não obstante todos os elementos claros de prova, desprezamos as palavras astutas da experiencia e entregamos á superstição de uma esperança vaga, de uma vã confiança, a soma razoavel de nossa tranquilidade futura.

A herança messianica de nossa raça e seus habitos incriveis do eterno amanhã, o "não ha de ser nada", a preguiça, em suma, levam nós todos a descrer de ameaças e perigos latentes que um observador mais ponderado lobrigaria logo.

Assim tem acontecido sempre, assim vai sucedendo ainda, do mesmo modo se dará afinal.

Quando ha alguns anos a invasão negra dos frades estrangeiros desembestou sobre o Brasil não faltaram alertas nem toques de sentido. As vedetas dispararam suas armas, as sentinelas ergueram-se de armas na mira, todo o acampamento correu para os postos.

Contrariamente, porêm, esquecendo os mais frisantes exemplos, desprezando precedentes maus e em nome do piégas sentimentalismo, consentimos que se estabelecessem aqui os frades, senhores dos bens, violando para isso todas as disposições de nossas leis. Não tardou uma serie longa de tricas. Ocioso seria agora recordarmos uma por uma as questões levantadas por esses religiosos e as chicanas arguidas em prol de suas tendencias [illegible] da Europa têm combatido e repelem energicamente.

Depois, com a implantação da Republica em Portugal, tivemos o caso dos religiosos que aquele paiz alijou. Mais uma vez tropeços intransponiveis, estorvos e barreiras. Resultado: os mosteiros do Brasil estão atochados de religiosos vindos da Republica Iberica.

De nosso desprezo por esses detalhes vamos de onde em onde colhendo as órtigas. Coçamo-nos á ardencia incomoda á proporção que as assaduras comem. Mas não nos corrigimos. E não nos corrigimos precisamente porque, desde o momento que a celeuma diminue, volvemos á "nonchalance" tão nossas, tão do nosso espirito indolente.

Da Bahia chegam agora mais documentos contra a perigosa tolerancia. O polvo insaciavel suga a medula, estende tentaculos por toda parte, ageita-se na conquista sedenta...

Aqui fica, sem outros comentarios inuteis, o telegrama relatando o caso:

"Bahia, 25 — A "Gazeta do Povo" tem publicado uma serie de artigos assinados, abrindo forte campanha contra os frades benedictinos estrangeiros e denunciando factos escandalosos, como a venda de bens da Ordem e a deportação de frades brasileiros para as Antilhas, onde está sendo fundado um mosteiro.

Ontem seguiram para Pernambuco os frades brasileiros de nomes Turibio, irmão do tenente do exercito sr. Caio Lustosa e sobrinho do marquez do Paranaguá, e Mauro. O primeiro seguiu gravemente enfermo. O irmão do mesmo dirigiu uma carta energica ao abade Majolo, contra a expulsão de Turibio do territorio brasileiro.

Além dos frades brasileiros que seguiram para as Antilhas, era pensamento do abade mandar para o mesmo destino 12 crianças, órfãos brasileiros, que estudam no convento.

O artigo da "Gazeta do Povo" diz que o patrimonio do mosteiro foi desfalcado em cerca de 700 contos, que estão depositados em bancos estrangeiros em nome do abade Majolo. Os factos assumem as proporções de um escandalo.

Foi denunciado por ter fugido no dia 3 do corrente, alta noite, um monge poeta e professor paraense, que era horrivelmente maltratado a azorrague pelo abade-prior.

O autor do artigo parece ser pessoa bem informada das coisas do mosteiro e promete, caso Majolo venha rebater a denuncia, publicar os escandalos e imoralidades praticados no interior do convento.

A população está alarmada com a grave denuncia".

O vampirismo dos jesuitas

Em Cudeiro, povoação proxima de Orense, Galiza, faleceu D. Manuel Ribaneira, deixando uma fortuna que ascende a cêrca de cem mil duros, da qual ha tempos havia feito testamento ante o notario a favor dos seus parentes. Ribaneira, que ultimamente se encontrava cego e denotava um acentuado desequilibrio mental causado pela sua avançada edade, foi visitado, dias antes de morrer, por alguns jesuitas, o que então fez suspeitar aos seus vizinhos que a seita loyolesca tratava de captar mais uma grande riqueza a um moribundo. Com efeito, verificado o obito, encontrou-se entre os documentos de Ribaneira um testamento ológrafo, que ante-ontem foi aberto pelo juizo de paz. Com espanto viu-se que nele era declarado herdeiro dos cem mil duros o provincial dos jesuitas de Castela, o que parece dar confirmação ás anteriores suposições dos vizinhos do dementado velho, cujos parentes se propõem impugnar a validez do ultimo testamento. Os odiosos reaccionarios da Companhia de Jesus continuam, assim, a sua tarefa secular, o seu bandoleirismo tradicional de captarem as heranças dos moribundos ricos, aproveitando-lhes a impressionabilidade religiosa e sugestionando-os torvamente com a sua persistencia de bandidos insaciaveis. Quando é que energicamente se impedirá aos corvos de Loyola que assaltem, para os devorar os cadaveres dos possuidores de fortunas?

FESTAS DE PROPAGANDA

No Rio

Grupo Dramatico Anticlerical — Para estreia deste nosso prestante grupo de propaganda, realizar-se-á no salão [illegible] da Constituição, 38, ás 8 horas e meia da noite de sabado, 20 do corrente, uma festa, representando-se o emocionante drama de Henrique Peixoto — *Os ladrões da honra*.

Haverá tambem baile familiar e leilão de prendas.

Os cartões distribuem-se na séde da Liga Anticlerical, rua Marechal Floriano Peixoto.

Em S. Paulo

Circulo de Estudos Sociais Francisco Ferrer — Este circo realiza hoje, ás 8 horas da noite, no Salão Celso Garcia, uma boa festa de propaganda social.

Pelo seu grupo dramatico serão representados os importantes trabalhos *Spettri*, drama em 3 actos de Ibsen, *Qualcuno guastó la festa*, peça social em 1 acto, de M. Masolleay.

Um companheiro fará uma conferencia sobre o tema *La miseria*.

A bela festa termina com um baile familiar.

UMA IGREJA BRAZILEIRA

Amorim «versus» d. Nery — Combatendo o papa em proveito da Igreja do Brazil.

Somos forçados a deixar para o proximo numero a nossa noticia da formidavel «encrenca» surgida no bispado de Campinas entre o nedio d. Nery e o padre Amorim, o papa da Igreja brazileira.

PELA DOURADENSE E JAHU

O nosso companheiro João Penteado encontra-se na linha Douradense, devendo percorrer todas as localidades da zona, inclusivé Jahú, trabalhando pela divulgação da Lanterna *e em cobrança das assinaturas.*

Esperamos que os nossos assinantes das localidades que vão ser visitadas se esforcem para se pôrem em dia com a nossa administração, libertando-nos de certos compromissos que nos impedem de melhorar tanto quanto é preciso a feitura do jornal.

"A LANTERNA" NO INTERIOR

Em Arirañha

A projectada ideia de fazer da *Lanterna* uma folha de publicação diaria foi bem aceita da parte de seus assinantes nesta localidade.

Oxalá seja isso realizado o mais breve possivel, porque assim poderá com mais vantagem desmascarar os individuos que, sob a capa de sentimentos religiosos, fazem o que dizem ter feito certo funcionario destas bandas.

A *Lanterna*, uma vez realizado o seu tentamen, poderá dar conta de todos esses factos que a imprensa mercenaria deixa passar ignorados, para não prejudicar os seus interesses de balcão.

Chibata.

Em Rio Preto

Gremio dos Livre-Pensadores — Realizou-se em S. José do Rio Preto, a 25 do mez passado, na sala da camara municipal, uma reunião de livre-pensadores, na qual se tratou da fundação de uma sociedade de propaganda, que recebeu a denominação de Gremio dos Livre-Pensadores.

Para tomar parte nesse trabalho foi convidado o nosso representante João Penteado, que se achava em viagem naquela zona, o qual, comparecendo, fez uma palestra sobre o tema — *O ensino livre*.

O Gremio dos Livre Pensadores, que é o mais frisante atestado do progresso rio-pretense, nasceu do esforço e abnegada dedicação dos companheiros Raimundo de Camargo Castanho e o velho combatente de nossa causa José Palma, redactor da *Cidade* e professor municipal em Rio Preto.

Avante, companheiros de Rio Preto! Que a vossa iniciativa progrida para beneficio da nossa luta e sirva de exemplo aos companheiros de outras cidades, eis o nosso ardente desejo.

Pelas publicações

Monografia das fazendas Paraizo e S. Lourenço, do munipio de Piracicaba, Estado de S. Paulo — 1912.]

Esta monografia feita pelo sr. Julio Conceição, numa elegante brochura de noventa e tantas paginas, é um trabalho util a todos aqueles que se interessam pelas coisas da lavoura. Cheia de bons clichés elucidativos e de bons ensinamentos e de boas ideias sobre o assunto de que trata, em linguagem clara e corr agradavel. Traz um prefacio do sr. Alberto Löfgren e foi apresentada no Congresso Agricola reunido em Piracicaba em dezembro p. findo.

Almanaque ilustrado hispano-americano — A casa editora Maucci, de Barcelona, apresentou este luxuoso e popular «Almanaque», que supera os seus anteriores e póde dignamente competir com quantas publicações de seu genero venham á luz em Espanha, não só pela abundancia e relação de seu texto, mas tambem pela profusão de suas gravuras e pelo esmero com que foi confeccionado.

Merecem especial menção as inspiradas poesias que o «Almanaque» insere, enviadas especialmente pelos vates americanos da nova geração e pela multidão de contos, anedotas, epigramas e historietas gráficas que contém, sem falar das secções dedicadas aos sucessos mais salientes do ano, todas ilustradas, e que fazem de tão curioso livro uma verdadeira *Enciclopédia ilustrada*.

As melhores firmas literarias da Espanha e da America hão cooperado para tão valioso conjunto, e tendo em conta a sua abundancia de leitura e a artistica apresentação, este «Almanaque» está obtendo exito digno da casa que o edita.

Fórma um tomo de 292 paginas com 170 ilustrações e preciosa capa contendo cromos. O seu preço é de *uma peseta* em todas as livrarias.

Salud y Fuerza — Publicou-se o numero 49 da popular revista *Salud y Fuerza*, importante publicação néo-maltusiana de sexologia, sociologia, filosófia e sciencia medico-social, dedicada á difusão dos conhecimentos para o melhoramento das classes proletarias e obreiras a quem interessa seu estudo.

O sumario deste numero compreende os seguintes trabalhos:

«La escuela de la depravación», por G. Cesbrón. — «Suprema Memez», por Luiz Bulffi. — «El Congreso Eugénico», por Edmond Potier. — «El Néo-Malthusianismo y la clase obrera», por Louis Gradidier. — «Las revoluciones, las Huelgas y el Capital», por Emilio Gante. — «El reinado de los espejismos», por Rafael Zuriaga. — «La naturaleza», por Ezequiel Porta. — «Del individualismo», por Mario. — «Por telegrafo sin hilos».

Pode adquirir-se esta publicação, cuja leitura se recomenda, dirigindo-se á sua administração: Provenza, 177, pral., 1.ª, Barcelona.

Pequenos écos

Club Caixeiral do Rio Grande — Acompanhando o seu cartão de saudação pela entrada do ano novo, enviou-nos este club uma circular participando-nos a eleição da sua nova directoria.

Bons resultados na luta em favor da classe que representa, é o que desejamos ao C. C. do R. G.

Felicitações — Alem dos que já mencionámos em nossos numeros anteriores, recebemos ainda um bom numero de cartões postais e de cartas de amigos e correligionarios que se lembraram dos combatentes desta casa para lhes dirigir os seus augurios de felicidade no ano corrente.

Por já estar algo fóra de tempo e para não cometer omissões, deixamos de inserir os que temos á mão, a todos enviando os nossos agradecimentos acompanhados de iguais desejos de feliz ano, e de fecundos resultados na luta pela causa da emancipação humana.

Azeite para a "Lanterna"

ENTRADAS

Assinaturas	1:251$000
Venda vulsa na capital e fóra	85$300
Subscrição voluntaria	71$700
Anuncio	7$000
Livros, folhetos, revistas, jornais, retratos, postais e medalha	91$100
Papel velho	1$800
	1:507$900

SAIDAS

Composição dos ns. 174, 175 e 176	208$900
Por conta do debito da impressão	100$000
Composição de listas	4$000
Selos	54$500
Aluguel da casa (novembro e dezembro)	120$000
Clichés diversos	24$000
Dobragem	6$000
Carretos	18$500
«Estado» (janeiro)	3$100
Luz (dezembro)	9$300
Ao companheiro-viajante (saldo de janeiro)	130$500
Por conta aos fornecedores da biblioteca	22$400
Despesas postais	1$900
Estampilhas	1$300
Despesas de viagem na Araraquarense, no Rio e em Campinas	187$100
Ao companheiro correspondente	60$000
Bonde	2$100
Porcentagem da cobrança no Rio	16$400
Penas e papel	2$000
Ao companheiro auxiliar (saldo de janeiro)	45$000
Barbante	3$000
Goma	1$000
Telegrama	2$500
Administração (por conta do debito)	233$300
Auxilio a dois perseguidos	12$000
Varias miudesas	1$600
Deficit do n. anterior	122$527
	1:392$927

RESUMO

Entradas	1:507$900
Saidas	1:392$927
Saldo	114$973

**

Subscrição voluntaria:

São os seguintes os correligionarios que nos enviaram a sua contribuição para a nossa subscrição voluntaria, cujo produto figura no balancete acima, conjuntamente com os 28$ da lista organizada pelo comp. Candido Reis, de Santos, já publicada no n. 175:

Sr. Luiz Padua Ducca, de Forquilha, 2$; sr. Francisco Inacio d'Almeida, e d. Emilia Candida de Andrade, tambem de Forquilha, 1$ cada; sr. Osorio Barros, de Barretos, 30$; sr. Silverio de Araujo, 1$; Um anonimo, 3$700; sr. Moreira Fonseca, do Rio, 5$. — Total 43$700.

«A LANTERNA»

Nesta capital é vendida ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

agencia de jornaes, do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 51.

Salão de Barbeiro, Avenida Rangel Pestana, 140.

Ventura Sierra, rua Major Diogo 150-A.

Bilhetes e recados

Brejo — G. Morais: Foi-lhe remetido o exemplar da *Velhice do Padre Eterno*. Saudações.

Campinas J. M.: Seguiram os folhetos. Saudações.

Porto Alegre — J. S.: O jornal tem ido para a caixa 85. Recebeste a carta do E. G. enviada para aí ou para o primitivo endereço? A vontade é grande, mas dificilmente conseguirei. Saudações de todos.

Pau d'Alho — Kempis: Fizemos a transferencia da remessa para a pessoa indicada, apesar da assinatura já estar vencida. Saudações.

São Luiz — F. D.: Recebemos os 20$ das assinaturas dos srs. J. S. S. e J. I. M. Seguiu o livro pedido. Foi tambem o recibo do sr. J. da M. L. Interessante o que nos conta com respeito á consulta aos habitantes do espaço... Muito ha ainda a fazer para que a humanidade se veja livre de tantos preconceitos e mistificações! Saudações.

Rio — Busse: Seguiu a cartilha. Saude!

Juiz de Fóra — A. V. da M.: Recebemos a ordem. Agradecidos pelas bondosas referencias. Saudações.

Ribeirão Preto — J. R.: Remetemos-lhe o folheto, que tanta procura tem tido. E' realmente uma questão de alto alcance para os que vivem sempre com a miseria á porta. Saudações.

Campinas — M. M. B.: Seguiram os ns. pedidos para o novo endereço, que registámos. Saudações.

Rio — Myer: Alegro-me com o bom resultado dos teus esforços. Remeter-te-ei a carta da qual ele pede as copias. Saude!

Caxambú — F. V.: Foi satisfeito o seu pedido de livros. Saudações.

Poços de Caldas — A. V.: Recebida a importancia da assinatura do sr. M. A. F. Agradecidos. Saude!

Itoby — A. F. S.: Recebemos e agradecemos o resto da importancia dos livros. Seguiram os livros pedidos. Saudações.

Limeira — A. B. O.: Seguiram os ns. indicados. Saudações.

Sete Lagoas — M.: E' continuar, que a *Lanterna* cá está á disposição de todos os combatentes. Saudações.

Mogi Guassú — J. de D.: Recebidos os 10$ de sua assinatura. Oxalá cada partidario da nossa obra fizesse aquilo que estivesse em suas posses! Saudações dos Leões Vermelhos...

Rio — C. C.: Agradecidos pela informação que nos prestou sobre a remessa do jornal á pessoa indicada. Saudações.

Bebedouro — B. F.: Fizemos a transferencia. Saudações.

Guaranesia — J. O. F. da C.: Seguiu a sua encomenda. Saudações.

Bahia — L. C. R.: Acusando o recebimento da quantia enviada para o azeite, enviamos-lhe os nossos agradecimentos pela simpatia que dispensa á *Lanterna*. Saudações.

Cravinhos — F. S.: Com o presente n. começará a receber o jornal. Saudações.

Campos — M. da P.: Para outro fim não publicamos a *Lanterna*. Pena é que a sua publicação semanal não nos permita apanhar tudo quanto de infame por aí se comete ao abrigo do silencio da *senhora* de balcão... Saude!

Lapa — J. L.: Somos-lhe muito gratos pelo oferecimento que nos fez. Quando o nosso companheiro aí for procura-lo-ha. Saude!

Rio — M. Vilar: Com a maior satisfação. Queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discussão das largas aspirações modernas. Cá estamos, pois. Saudações.

Rio — Adrecal: Seguiram os exemplares do n. pedido. Modificámos o numero do pacote. Não vá ser alguma ave de arribação... Entretanto aí vai qualquer coisa. Esperaremos, sim. Saude!

Niteroi — Gildo: Sim. O R. apressará o envio *daquilo* para o papelorio. Saude!

Cravinhos — A. M. A.: Precipitou-se na sua apreciação. Houve apenas um inevitavel adiamento. Não tendo em conta a sua impensada injustiça, saudamo-lo.

Pelotas — T. da Costa: Recebemos o vale. E' irregularidade do correio, pois o jornal é aqui expedido todas as sextas-feiras. Fizemos o pedido dos 15 ns. da *Sementeira*. Gratos lhe somos pelo trabalho em prol da divulgação da *Lanterna*. Saudações a todos.

Ribeirão Vermelho — M. C.: Foi satisfeito o seu pedido. Saudações.

Itapolis — A. M.: Recebemos a importancia da assinatura da Loja P. A. e C. Muito lhe agradecemos o que em favor do jornal tem feito. Saudações de todos.

Sete Lagoas — P. T.: Aproveitaremos para uma correspondencia. Só depois de recebermos a nova remessa dos livros poderemos dizer-lhe o preço. Saudações.

LIGA ANTICLERICAL DO RIO DE JANEIRO

Associação filiada á Federação Internacional do Livre Pensamento, com séde em Bruxelas (Belgica).

Todas as quintas feiras, á noite — admissão de novos associados, conferencias e palestras

— Aulas para os socios e suas familias, tambem á noite, durante a semana, de portuguez, francez, aritmetica, geografia, historia, desenho linear e geometrico e outros mais que serão oportunamente inauguradas.

RUA MARECHAL FLORIANO N. 118 1.º ANDAR.

PEDRO KRAPÓTKINE

OS BASTIDORES DAS GUERRAS

Brochura de 24 paginas

Edição da *Sementeira* de Lisboa

PREÇO: 100 RÉIS

A' venda nesta administração

E' um opusculo interessantissimo e de grande actualidade, no qual o ilustre autor se ocupa das principaes causas e factores das guerras modernas: desenvolvimento da grande industria capitalista, que produz para vender e exportar, não para o consumo; rivalidade industriais e comerciais; interesses da alta finança, das industrias militares e do exercito profissional. Krapótkine faz por fim um quadro empolgante e documentado dos males da guerra, dos seus terriveis efeitos para os pobres: a carnificina, a epidemia, o retrocesso nas ideias, as profundas crises economicas, a descoupação, etc. E' enfim um estudo que é preciso ler.

Postais de Ferrer

Temos á venda postais com o retrato de Ferrer

Preço: 1 duzia 1$500 e avulso 200 réis.

FOLHETIM DA LANTERNA (32)

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE

Grande romance histórico

ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

SEGUNDA PARTE

Flor de Maio

VIII

O POMBAL

julgou o gascão reconhecer a freira da cesta, mas não pôde certificar-se bem. As duas passearam durante um quarto de hora, mas a jovem parecia ser arrastada pela monja.

— Parece que a violenta! pensou o gascão.

A freira falava e gesticulava mais; a jovem parecia muda, levando apenas o lenço aos olhos de vez em quando.

— Coitada! murmurou Estocada. Decerto querem obriga-la a ser freira!

Por fim houve um rumor de vozes, que chegou até ao pombal e a jovem foi arrastada para dentro.

O dia seguinte decorreu sem incidente. Depois chegou o da entrevista fixada pela freira. Alvoroçado, Estocada já estava a pé antes de amanhecer; e como assomasse ao postigo, viu aberta a portaria do convento e sairem os dois frades.

Momentos depois, os dois aventureiros, montados, iam-lhes no encalço, dando-lhes a principio uma dianteira de quinhentos passos. Estocada quiz ver se tomavam á direita para Abbeville, ou á esquerda para a hospedaria.

Os frades tomaram á esquerda; e então os dois cavaleiros lançaram os cavalos a galope, passando adiante das duas mulas. Pouco depois, Estocada e Cabeça de Ferro entraram no *Rei da Boêmia*, para preparar aos dois frades a recepção que nós sabemos.

IX

OS DOIS INIMIGOS

Em Abbeville, o conde de Belleval tratava de promover a prisão de Salverio e do Cavaleiro de La Barre. Numerosos agentes da senescalia deram uma batida pelas redondezas. O pregoeiro percorreu as ruas dando os sinais dos dois herejes e anunciando um premio de 2.000 libras (*) a quem descobrisse um deles.

Entretanto, no castelo de Francières, Salverio restabelecia-se. A cura da ferida estava quasi terminada.

O Cavaleiro, esse impacientava-se. Por duas vezes se tinham recebido noticias de Estocada por Cabeça de Ferro, depois tudo voltara á incerteza. Que era feito de Flor de Maio?

Na manhã do nono dia, o Cavaleiro encontrou no salão Salverio vestido, de pé. João soltou uma exclamação de alegria e Salverio estendeu-lhe a mão, dizendo:

— O vosso amor foi submetido a uma rude prova, mas já passou...

— Vamos em busca de Belleval?

— Hoje, esta noite...

— Ah! eu já não podia mais!

— Paciencia! Esta noite agiremos.

D'Etallondes e de Maillefeu entraram naquele momento e houve entre os quatro uma demorada conferencia, após a qual Parmentier partiu a cavalo para Abbeville.

(*) Moeda de prata, depois substituida pelo franco, do qual é ainda hoje sinónimo em França, quando se fala de rendimentos.

No fim do dia, que pareceu interminavel ao Cavaleiro, os quatro amigos montaram por sua vez e partiram, encontrando a um quarto de legua de Abbeville Parmentier, que de lá vinha.

— Que há? perguntou Salverio.

— O conde de Belleval está em casa.

Salverio, com um relampago de alegria nos olhos, volveu-se para o marquez e para o visconde:

— Estais prontos para a manobra?

— Tranquilizai-vos.

— Então, àvante!

Meteu o cavalo a galope, seguido por La Barre, ficando os outros três atrás. Apearam-se na primeira hospedaria que encontraram, guardaram os cavalos e, quando a noite se tornou densa, sairam embuçados em amplas capas, no momento em que se detinham ante a estalagem três cavaleiros. Eram os amigos do Cavaleiro de La Barre.

Um quarto de hora depois, João e Salverio estavam diante do palacio do conde de Belleval, que acabava de entrar, vindo de casa de Gerfaut, com quem combinara irem ambos na manhã seguinte ao convento de Francières.

Os dois homens galgaram rapidamente a grade de ferro e saltaram para o jardim. Como a porta do palacio estava fechada, deram volta ao edificio e viram iluminada uma janela do primeiro andar, nas traseiras.

— Lá está! murmurou o Cavaleiro.

— Silencio! disse Salverio, apertando-lhe o braço. Vem gente...

Um criado abria uma porta, parando no limiar com um archote na mão. Salverio e João ocultaram-se por trás de uma moita. Mas o criado, que pareceu sentir ruido, depôs o archote no interior e dirigiu-se á moita, vacilante. Ao chegar, sentiu-se agarrado pela garganta, segredando-lhe uma voz:

— Se dás um grito, morres! Se te calas, ganhas dez luíses.

Entre aterrado e seduzido, o criado estendeu a mão, aceitando as moedas. Os dedos que o seguravam largaram-lhe a garganta mas viu brilhar, apoiada ao seu peito, a ponta de um punhal.

— E's criado do conde? perguntou Salverio.

— Sim, senhor...

— Preciso de falar a teu amo. Por onde se sobe ao quarto dele?

— Por ali...

O criado mostrava a porta que deixara entreaberta.

— Onde está ele?

— No primeiro andar... não ha outra porta...

— Deves ter um sinal particular para bater...

— Sim... duas pancadas muito seguidas, e depois outra...

— Bom. Quantos criados sois?

— Eu... e o porteiro...

— Onde está o porteiro?

— Esta noite... está fora...

Estás então só?

— Sim... senhor... só...

Salverio correu para a porta, emquanto João dizia ao criado:

— Amigo, fazei o favor de me levar a um aposento do rés-do-chão... e não vos esqueça que ao primeiro ruido que façais, terei de vos matar.

O criado, lívido e tremulo, obedeceu, levando o Cavaleiro a um quarto do lado esquerdo. Apenas lá dentro, João, que trouxera o archote, fechou a porta e tirou do bolso uma corda.

— Que ides fazer, senhor? balbuciou o criado, juntando as mãos.

— Apenas amarrar-vos. Passareis uma noite bastante má... mas aqui estão mais dois luíses.

O criado aceitou o dinheiro e, com ou sem vontade, deixou-se atar e amordaçar.

Em seguida, o Cavaleiro voltou para o jardim e ali esperou, inquieto e agitado.

. . . .

De Belleval estivera em casa de Gerfaut Inquieto e sombrio, o padre passara dias de mortal indecisão. Desejava e temia ver-se em frente de Flor de Maio O que sofria resolvia-se em odio contra La Barre. Oh! te-lo e assistir ás suas torturas! Esperava ancioso que o prendessem. Outro motivo de inquietação: Salverio. Agora, só saía no meio duma escolta de doze ou quinze cavaleiros. Quando viu entrar de Belleval, interrogou-o com o olhar:

— Nada! exclamou o conde.

O arcipreste teve um gesto de desalento. Ouviu-se uma risadinha sarcastica. Era Spavento, que dizia:

— Ora! O sr. arcipreste espera que o passaro tenha voado.

— Que queres dizer com isso? grunhiu de Belleval, emquanto Gerfaut, acabrunhado, nem se atrevia a falar em presença do temivel *criado*.

— Quero dizer que esse mocinho, esse... como lhe chamais?

— O Cavaleiro de La Barre?

— Sim. Está apaixonado, acabará por descobrir a sua pombinha no convento de Francières e fugirá com ela.

— Por vida minha! Este patife tem razão! exclamou o conde.

— Conheço, prosseguiu Spavento, quem pouco se importará com isso: o sr. arcipreste, por exemplo. Mas conheço outros a quem essa fuga poderá irritar muito... Então, ai dos que por fraqueza tiverem sido causadores dessa fuga!...

— Amanhã de manhã iremos a Francières, disse de repente Gerfaut. Ireis comigo, de Belleval, levando doze cavaleiros e Jarnac.

— Bom. Investigaremos tambem nas cercanias.

O conde saiu e, depois de fazer algumas visitas, recolheu a casa, recomendando ao seu criado de quarto:

— Acorda-me ao amanhecer.

— O sr. conde sairá sem armas?

— Sim. Montarei no meu normando Nero.

Neste momento, o criado fez um movimento de atenção.

— O sr. conde não ouviu nada?

— Que foi, sr. medroso?

— Parece-me ter sentido passos no jardim.

— O porteiro, decerto.

— O sr. conde deu esta noite licença ao porteiro...

— E' verdade. Bom; leva uma luz e vai ver.

O criado obedeceu, e passados dez minutos bateram á porta do quarto.

— Abre! gritou o conde.

A porta abriu-se e fechou-se, sem que de Belleval, ocupado a escrever uma carta, levantasse a cabeça, limitando-se a perguntar:

— Que descobriste, poltrão?

Não recebeu resposta. Levantou então a cabeça e fez-se lívido, levantando-se lentamente.

— Não me esperaveis? perguntou Salverio.

— Esperava, sim, mas não aqui: esperava ver-vos na sala das torturas.

De Belleval tomava audaciosamente a ofensiva. Salverio ficou impassivel. O conde prosseguiu:

— Que me quereis, sr. impostor, sr. relapso, sr. hereje? Se precisais de vos confessar, dirigi-vos ao sacerdote; se quereis confessar o crime, ide ter com o juiz; se desejais expia-lo, entregai-vos ao verdugo...

(Continúa).